

TREZE OBRAS PARA CONHECER A HISTÓRIA CULTURAL DO HUMOR

Elias Thomé Saliba (DH)

Trata-se de um campo de pesquisas recentes que se originaram, de certo modo, da chamada História Cultural, que pode ser definida, muito singelamente, como o estudo de processos e práticas através das quais se constroem sentidos e identidades e se forjam os significados do mundo social. No cenário contemporâneo, no qual falharam os grandes projetos políticos de transformação global e as reviravoltas linguísticas e subjetivistas substituíram os grandes paradigmas das humanidades, os historiadores começam a olhar na direção de uma história cultural do humor, delineando um autêntico programa de pesquisas.

Os colóquios sobre a História Cultural do Humor, realizados respectivamente em Oxford, em 1993 e Amsterdã em 1994, não foram os únicos eventos dedicados especialmente ao tema, mas tornaram-se marcantes pelos trabalhos que foram então apresentados e divulgados, catalisando inúmeros projetos inéditos entre os historiadores. Como os trabalhos apresentados nestes Colóquios foram todos publicados, eles constituem as primeiras indicações de leitura: os textos do primeiro estão publicados em Cameron, Keith (org.), **Humour and History** (Oxford, Intellect Books, 2003); e os do segundo, em Bremmer, Jan e Roodenburg. (orgs.) **Uma história cultural do humor** (Trad. de Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro, Record, 2000). Embora sejam coletâneas compostas por trabalhos variados e desiguais, abrangem enorme variedade de temas, abordagens e conjuntos documentais: manuais de trotes e de civilidade, escritos apócrifos, livros de piadas, registros e diários parlamentares, periódicos humorísticos, pinturas e coleções de anedotas, registros cinematográficos, roteiros de burletas e comédias, biografias de humoristas obscuros – é todo um variado espectro de fontes para mostrar o quanto, na sociedades ocidentais modernas, o humor incentivou laços de sociabilidade, sublimou agressões ou ressentimentos, administrou o cinismo ou estilizou a violência. Mas também foi a arma social e política dos impotentes, contribuindo para criar uma cultura da divergência ativa e oculta.

Noutras pesquisas, o lugar que o humor ocupava na representação cultural de uma época, serviu mesmo como eixo para definição das mudanças de perspectivas políticas e de compreensão moral das sociedades. Um exemplo acessível de tais

pesquisas é a síntese realizada por Quentin Skinner, originalmente uma palestra, em **Hobbes e a teoria clássica do riso** (trad. de Alessandro Zir, São Leopoldo, Editora Unisinos, 2002).

Ainda no tópico de pesquisas apresentadas em Congressos e conferências, destacamos a publicação de **Imprensa, Humor e Caricatura: a questão dos estereótipos culturais.**, org. por Isabel Lustosa (Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2011) -, leitura imprescindível, já que reúne trabalhos apresentados num encontro de vários especialistas de onze diferentes nacionalidades, no Rio de Janeiro –, e constitui, assim como os dois livros citados anteriormente, em importante leitura para compreensão do campo da história cultural do humor, o qual, como todas as áreas mais recentes, rompeu com os grandes paradigmas teóricos, assumindo um abordagem francamente interdisciplinar. Neste caso, o melhor exemplo é dado por uma publicação recente que certamente se tornará uma obra de referência para os estudos de história cultural do humor: a **Encyclopedia of Humor Studies**, (Los Angeles, Sage-Reference, 2015) organizada por Salvatore Attardo, que reúne em 2 volumes, 335 verbetes, de A a Z, escritos por 214 colaboradores – os quais, naturalmente extrapolam o campo da História Cultural do Humor, abrangendo os mais diversos temas e abordagens da antropologia, da linguística, da psicologia, da neurologia e até da gelotologia. Aqui, o leitor, ao percorrer os detalhados índices, pode escolher as dezenas de entradas que tratam da história do humor, com indicações e debates de grande atualidade.

Vale lembrar que não tratamos aqui da história cultural do humor no Brasil, o que será feito noutra tópico deste guia. Nem por isso, deixamos de indicar o livro da pesquisadora brasileira Verena Alberti, **O riso e o risível na história do pensamento** (Rio de Janeiro, Zahar/Edit. da FGV, 1999) - que, apesar de focar sobretudo as grandes teorias do humor, acaba fornecendo indicações preciosas a respeito da cultura do riso em diferentes épocas, da antiguidade aos tempos recentes. Com muito rigor, Verena examina as principais filosofias do riso nos seus contextos peculiares, incluindo textos raros, como o *Tratado do Riso*, de Laurent Joubert. Uma história das teorias a respeito do riso e do humor seria longa e quase impossível de se fazer de forma completa. A única coisa em que todos concordam ao examinar o quase infinito rol de teorias humorísticas são os seus limites: trata-se de uma experiência humana tão variável e imprecisa que resiste a qualquer tentativa de categorização. Por isto, é necessário, em primeiro lugar, definir territórios de pesquisa – e suas possíveis fontes

e instrumentos de trabalho - nesta área bastante ampla da produção humorística. Neste tópico, uma síntese do debate metodológico a respeito das relações entre a cultura humorística e as “estruturas de sentimento” das sociedades – com especial referência aos séculos XVII e XVIII – pode ser encontrada na coletânea de artigos de Catherine Gallagher e Stephen Greenblatt, **A prática do novo historicismo** (trad. Gilson César de Sousa, Bauru, Edusc, 2005) em especial, o interessante capítulo 2: “Contra-História e Anedota”, que explora as inúmeras variações de significado do vocábulo *anedota* em diferentes épocas.

Aliás, já na zona fronteira de uma História Intelectual, o exame das concepções do humor e de riso produzidas em diferentes épocas e diferentes sociedades (os textos “clássicos” e textos “obscuros”) transforma-se mesmo em partes intrínsecas de uma história cultural do humor, ou seja, de seus usos, apropriações e interdições sociais. Para o historiador da cultura cômica, no tópico propriamente dito da periodização, a primeira questão que se coloca é em qual momento começa a tomar forma e a solidificar-se aquilo a que se convencionou chamar, inspirando-se nos estudos de história da leitura, de *pacto humorístico*, ou seja, o momento no qual o humor passa a ser produzido com intenção de gerar o riso ou o divertimento.

Esta grande mutação ocorreu, pelo menos no que se refere à história da cultura ocidental, entre os séculos XVI e XVII, quando o campo ligado mais propriamente à produção do humor começou a ganhar autonomia, surgindo assim o espetáculo cômico. A maior expressão etimológica desta mutação foi a própria criação da palavra *humor*, que progressivamente adquiriu o sentido moderno e despreendeu-se dos seus antigos sentidos medicalizados dos humores do sangue, originários da medicina galênica ou hipocrática. As leituras para este tópico específico são inúmeras mas, todas elas concentradas em territórios muito específicos e recortes monográficos. Para uma síntese desta questão da periodização e das muitas publicações a respeito pode-se ler, com proveito, o livrinho de Jonathan Pollock, **Qu’est-ce que l’humour?** (Paris, Klincksieck, 2001) que serve como uma espécie de guia para inúmeras outras leituras nesse tópico específico.

Já a **História do Riso e do Escárnio**, de George Minois (trad. de Maria Elena O. Assumpção, S. Paulo, Ed. da Unesp, 2003) -, apesar da imponência de suas mais de 500 páginas, deve ser lido com certa cautela, pois como o próprio autor confessa “seu trabalho é incompleto, seletivo, demora-se muito em alguns aspectos, negligencia outros, mostra-se desenvolto aqui, maçante ali, cita muito e compila,

esquematiza escandalosamente, adota, às vezes, um tom trivial, emite julgamentos parciais e contestáveis, aprovados por uns, recusados com indignação por outros” O grande mérito do autor é, pelo menos, a rara honestidade ao apregoar, de início, os defeitos do livro. Apesar de alguns *insights* significativos e instigantes - e no todo, a obra servir de referência para quem nada leu sobre o assunto - predomina a ligeireza no tratamento de fontes, anacronismos gritantes e alguns erros de atribuição graves, como, entre muitos, creditar a Cícero, concepções a respeito do riso que são, a rigor, de Aristóteles.

O mesmo não ocorre com o pesquisador tcheco Manfred Geier, **Do que riem as pessoas inteligentes** (Trad. André Delmonte e Kristina Michahelles. Rio de Janeiro, Editora Record, 2011) que nos conta a história de como o riso foi sendo expurgado ou exorcizado pelos filósofos mais notáveis. Não foi tanto uma condenação ao riso, mas uma espécie de cortina de silêncio que começou com Platão, cujo veto ao riso atingiu indiretamente o legado de Demócrito. Saindo dos caminhos conhecidos, Geier nos conduz - da Antiguidade aos dias atuais - pela trilha incerta e pelos tortuosos atalhos tomados por filósofos que retomaram, à sua maneira, aquele riso *democrático* que provocava cócegas no cérebro. Lá estão nomes notáveis, como Rabelais, Kant, Kierkegaard, Schopenhauer, Freud, Bergson, Nietzsche, Bakhtin -, mas também gente menos conhecida, como Cristoph Martin Wieland (1733-1813) e Karl Valentin(1882-1944).

O mapa de atalhos da galhofa filosófica traçado por Geier é, naturalmente, incompleto e seletivo: faltam nomes importantes como Robert Burton (século XVII) ou Luigi Pirandello (século XX) Mas, nem por isso, seu livro é menos provocador. Parodiando Walter Benjamin, Geier mostra que também é preciso escovar a história da filosofia a contrapelo, descobrindo aqueles livrinhos de piadas que até mesmo filósofos como Platão escondiam debaixo do travesseiro. Mostra, sobretudo, que a capacidade de rir é inerente ao homem, mas o sentimento do humor é raro, pois envolve a capacidade da pessoa se distanciar de si mesma.

Tradicionalmente vistas pela historiografia como artigos descartáveis, será válido o esforço dos historiadores para compreender as manifestações humorísticas, elevando-as do cotidiano efêmero ou da opacidade da mera diversão, a índices privilegiados da história cultural? Ente muitos, indiquemos dois estudos recentes que examinam até que ponto uma cultura humorística pode incentivar revoluções ou derrubar regimes políticos. Mesmo porque, impertinente para historiadores sisudos, a

questão entrou na pauta dos historiadores da cultura humorística. Tidos como “patinhos feios” da pesquisa histórica e da academia, foi só nas últimas décadas que os intérpretes do humor começaram a mostrar que, em tempos de mudanças sociais, a cultura cômica tornou-se aquela espécie de fio descoberto a provocar curto-circuito nos sistemas de comunicação coletiva.

Este é o tema de Robert Darnton em **Poesia e Polícia: redes de comunicação na Paris do século XVIII** (Trad. de Rubens Figueiredo, S. Paulo, Cia. das Letras, 2014) uma original reconstituição do universo de poemas e canções cômicas que circularam algumas décadas antes da Revolução Francesa. Copiados em tiras de papel, ditados de uma pessoa a outra, declamados em tavernas e cafés, os poemas acabaram alcançando uma divulgação maciça quando começaram a ser cantados com melodias conhecidas. Embora parciais, as revelações de Darnton sobre a cultura cômica da França pré-revolucionária, alteram completamente a definição daquilo que os filósofos iluministas louvaram como a “opinião pública”. Longe de um processo filosófico que agia de forma persuasiva e pacífica na direção de um aprimoramento da humanidade, a opinião pública era uma força incontrolável que jorrava das ruas, varrendo tudo que estivesse pela frente, inclusive os filósofos – e sem a menor consideração com as tentativas deles para construí-la ou mantê-la sob controle. A multidão que lia poemas escabrosos e cantava canções piadistas constituía um grupo caótico de gente apaixonada que superava sua impotência - inclusive no domínio da palavra - com humor e divertimento. As canções tornaram-se parte de cultura política ruidosa e apaixonada - não imediatamente reconhecível nos livros ou nas ideias iluministas -, pronta para voltar-se contra qualquer tipo de poder ou bode expiatório – o que aparecesse primeiro. Não importava se o mundo monárquico fosse mais complexo e nem que as anedotas fossem verdadeiras, tudo era simplificado e servia de rastilho para a combustão, formando uma malta de pândegos enraivecidos, que não tinha nada a perder e pronta para entrar em ebulição. Darnton mostra como a percepção popular foi muito mais profunda porque veio embalada por canções e piadas inesquecíveis, perpetuadas numa tradição popular completamente ausente dos jornais e das bibliotecas.

Passando para o século XX, este também é o tema de Ben Lewis em **Foi-se o martelo: a história do comunismo contada em piadas** (trad. de Márcio Ferrari. Rio de Janeiro, Record, 2014) -, a mais abrangente pesquisa sobre a cultura cômica soviética no período que vai de Lenin a Gorbachev. Podemos acompanhar o

historiador nas suas inúmeras peregrinações em arquivos russos, húngaros, romenos, poloneses e alemães e em inúmeras entrevistas com comediantes, artistas e caricaturistas sobreviventes dos expurgos e do *Gulag*. Em trabalhos mais recentes, aqueles mesmos intérpretes sisudos consideram que houve apenas uma coletânea genérica de piadas, com solavancos mentais idênticos, eternamente repetidas pelos resistentes à qualquer tipo de ditadura ou Estado totalitário. Mas, a comparação da pesquisa de Ben Lewis com a mais recente pesquisa de Rudolf Herzog sobre o humor nazista, **Dead Funny: telling jokes in Hitler's Germany**. (Londres, Melville House, 2012) mostra o equívoco de tais interpretações. Excluindo o repertório judaico, que era riquíssimo, a cultura de piadas nazistas partilhada pelos alemães era muito mais pobre, totalmente inofensiva, sem alvos políticos, esporádicas na ocorrência, pobres em qualidade e fracas no conteúdo ideológico. O que reforça a – agora bem séria - e estarrecedora conclusão dos historiadores de que grande parte da população alemã era simpatizante do nazismo.

Os livros de Darnton, Lewis ou Herzog, mostram afinal que se trata de um vasto campo de pesquisas e aqueles que estudam a história cultural do humor não investigam propriamente o que faz as pessoas rirem mas, sobretudo o *porquê* delas rirem. Os usos sociais e não o conteúdo das piadas é que definem a cultura cômica de uma época. Entre outras coisas importantes, a História Cultural do Humor, nos ensina, afinal, que piadas não são feitas apenas para rir, mas também para criar distância, para sair de dentro de nós mesmos e visualizar, ainda que por um breve momento – o sublime momento do riso - nossa própria impotência junto com nossa própria humanidade.

Para outras informações: <https://humorhistoria.wordpress.com/>
